**PESQUISA COM CRIANÇAS DO CAMPO: experiências educativas com a cultura das águas e da terra em Tracuateua-PA**

*Fernanda Regina Silva de Aviz[[1]](#footnote-1)*

*Tania Regina Lobato do Santos[[2]](#footnote-2)*

**EIXO TEMÁTICO:** Participação das crianças em pesquisas e na gestão institucional

**RESUMO**

Este estudo visa discutir as experiências socioeducativas das crianças da educação infantil do campo de Tracuateua-PA na relação com a terra e os rios. Trata-se de uma pesquisa com crianças na qual traz os rios e as terras como lugar de múltiplas experiências e significados. Para tanto, adotou-se como metodologia a abordagem sócio histórica, amparada nas técnicas da observação direta e da narrativa temática. Conclui-se que as crianças vivenciam e partilham experiências valiosas na terra e nos rios, por meio do cuidado com os animas, da brincadeira, do aprendizado da pesca e do plantio

**Palavras - Chave:** Educação Infantil do Campo; Pesquisa com crianças; Experiências socioculturais.

**INTRODUÇÃO**

Olhar a infância do campo de Tracuateua-PA nos leva a buscar, na materialidade de vida das crianças, as relações com o ambiente onde vivem e produzem cultura. Uma relação de reciprocidade, muitas vezes invisibilizada pela escola. A educação do campo orienta para uma educação não apartada das experiências socioculturais de seus sujeitos, no entanto, temos visto cada vez mais um afastamento e até mesmo uma negação dos saberes e culturas das crianças do campo.

Destacamos que no campos são múltiplas as experiências vivenciadas por crianças da educação infantil. As vozes mostram experiências enriquecedoras nos rios, visto que este representa o lugar da brincadeira, da realização das atividade domésticas, da higiene, é lugar da vida, pois dele sai o pescado que alimenta as famílias das crianças. Na terra, as crianças são inseridas desde cedo na cultura da produção. Elas aprendem a preparar a terra, a plantar e a colher. Isso se faz no coletivo, na presença dos pais, dos irmãos mais velhos, dos avós ou vizinhos próximos.

Ao considerar essa diversidade de atividades, nos inquieta saber que experiências educativas com a cultura das águas e da terra são partilhadas pelas crianças do campo de Tracuateua-PA?

Para tanto, adotamos a abordagem sócio histórica enquanto perspectiva que legitima as crianças como sujeitos de direito e de voz, visto que foi dessas vozes que emergiram as experiências com essas culturas. As técnicas utilizadas foram a observação e a narrativa temática. A partir delas descrevemos as singularidades dos sujeitos e do ambiente e ainda, identificamos as relações das crianças com os rios e a terra e sua articulação com o currículo escolar.

**EXPERIÊNCIAS EDUCATIVAS COM A CULTURA DAS ÁGUAS E DA TERRA EM TRACUATEUA-PA: em cena as crianças do campo**

A luta dos movimentos sociais do campo é por uma educação não separada das experiências de vida dos seus educandos, esta relação das crianças com os rios e a terra enriquece o campo de suas experiências, uma vez que elas sempre estão em contato direto com estes ambientes exercendo atividades de cuidado, de trabalho ou de lazer, indicando a necessidade dessas experiências estarem incorporadas nas propostas pedagógicas das escolas do campo.

As Diretrizes Operacionais para a Educação Básica das Escolas do Campo informa que a identidade da escola é definida pela sua vinculação às questões inerentes ao saber local e à sua realidade, mas para que haja esta vinculação entre identidade e realidade, faz-se necessário uma escola do campo ancorada na temporalidade e nos saberes próprios das crianças, na memória coletiva que sinaliza o futuro, na rede de ciência e tecnologia, disponíveis na sociedade e nos movimentos sociais em defesa de projetos que associem as soluções exigidas por essas questões à qualidade social da vida coletiva no país (CNE/ CEB 1, de 3/4/2002).

O que se busca é um currículo articulado com os conhecimentos locais, valorizando as experiências das crianças, seus modos de vida, sua cultura, suas histórias e suas famílias (SILVA; PASUCH, 2010). Essas experiências são um convite para assumirmos o compromisso com esses sujeitos de vida e de cultura. Para tanto, urge a necessidade, por meio de suas vozes, de conhecer os labirintos e as experiências com a terra e os rios:

(D,M, 4 anos) Ei Bijoca eu fui pro rio

(L, P, 5 anos) Eu também fui

(D,M, 4 anos) Mas tu foi com o Samuel?

(L, P, 5 anos) Não....fui com a mamãe lavar roupa.

Uma infancia que tem o rio, como o lugar de vida coletiva e de fazeres doméstico, conforme mostra as vozes dessas crianças. O campo conforme Oliveira, França e Santos (2011) é detentor de uma grande riqueza de saberes que servem de base na organização e orientação da vida cotidiana das crianças, jovens e adultos.

Serve ainda, de múltiplas práticas e experiências ligada a atividades produtivas, uma delas é a pesca artesanal. A pesca artesanal é uma das atividades mais significativas deste ecossistema, chamado campos naturais de Tracuateua “cuja condição social de produção não está voltada para o mercado” (CORRÊA, 2008, p. 57). Ela atende a própria população local, além dos moradores da sede do município, que incansavelmente se deslocam por quilômetros de suas residências em busca de sustento para as famílias. Segundo estudos realizados por Oliveira e Motta-Neto (2008), as fontes de água como os rios, igarapés e lagos associam-se a alimentação e a outros usos.

O papel da criança nessa atividade não limita-se apenas ao ato de observar, elas, com faixa etária entre quatro e cinco anos, participam da captura do peixe conforme os relatos a seguir. Quando a pesquisadora em uma das narrativas perguntava para as crianças se elas pescavam e como era pescar:

(L. F, 5 anos): Sim

Joga a malhadeira...e quando joga a malhadeira fica igual uma teia de aranha

Depois puxa bem devagarinho pro peixe não escapar...o papai deixou escapar um

Y, 5 anos): Já com meu pai

Papai joga a tarrafa...e eu fico lá esperando...segurando o saco. Tudo o que o papai tá lá no tanque tentando pegar tambaqui

(J. M, 5 anos): sim

Pego uns peixinhos na mão no campo...eu peguei uns peixinhos na mão...de anzol, de... eu ia pegar tambaqui no vovô

Eu boto a minhoca e jogo o anzol e pego o peixe...as vezes o peixe rouba o anzol.

Os relatos evidenciam que algumas crianças já acompanharam os pais nesta prática. As crianças, vivenciam as experiências dos pais, na captura, no cuidado, no preparo e degustação do pescado ou então, na confecção dos apetrechos de pesca, como mostra a fala de uma das crianças participante da pesquisa “meu pai faz tarrafa pa pegar peixi no campo” (M.C, 4 anos). Desta maneira, a criança, a partir das considerações de que ela ocupa um lugar nestes espaços, produz e reproduz os saberes e experiências vividas pela família e pela comunidade.

Outra atividade produtiva desenvolvida nesse ambiente é a agricultura de subsistência, com o cultivo da mandioca, milho, tabaco e outras leguminosas. Um estudo realizado por Gomes e Peres (2011, p. 6) em uma das comunidades de campos naturais, levanta aspectos relacionados à atividade produtiva, destacando que “a base econômica da comunidade está vinculada à pesca, produção de farinha de mandioca e o fumo. Castro (1999) confirma que esse sistema congrega diversas atividades combinadas ciclicamente, propicia maiores condições sociais produtivas de subsistência.

De acordo com Corrêa (2008, p. 46), a predominância da agricultura por meio do cultivo da mandioca para a produção da farinha, “emana a “transmissão de múltiplos saberes, valores e costumes de geração para geração historicamente, expressando um campo extremamente fértil de educação”. Tal transmissão é tão frequente que as narrativas das crianças sobre a agricultura apontavam modos de fazer, instrumentos de produção e a função da mandioca, conforme se ouve na fala das crianças, quando lhes foi perguntado se ajudavam seus pais em casa e, em um gesto positivo disseram que:

(E. T, 4 anos) Sim. Cato capim e ralo mandioca...pra fazer farinha ué com o rodo

(J.M, 5 anos). Sim. Eu fui pra roça com a vovó. Fui plantar maniva. Abre o buraco coloca o pau da maniva e vai colocando e entupindo. Ai nasce... e depois faz farinha pra gente comer

(E. A, 5 anos) Sim. Fui ver o que o papai tava fazendo. A mandioca serve pra fazer farinha. A gente bota o rodo naquele forno e a gente mexe.

A terra é, portanto, “espaço de convivência, do ensinar-aprender dessa população, representa a âncora que possibilita a construção de identidade no seu grupo de pertencimento” (OLIVEIRA; MOTTA-NETO, 2008, p. 68). Essas práticas agrícolas se materializa na sala de aula, por meio da construção de um mural das profissões, da pesquisa dirigida aos pais para falar de seu trabalho, e ainda, de uma visita a casa de farinha e aos rios da comunidade (Diário de campo, 2016).

Por fim, a pecuária bovina, equina e bubalina também compõem o conjunto de atividades de relevância da comunidade e soma-se à criação de porcos, galinhas, patos e perus. Uma das narrativas mostra que é comum criar animais de pequeno porte, “nós cria ovo, pintainho, catrainho. Em casa tem dois, dois não três. O pintinho se chama predador. São três predador” (J. M, 5 anos).

A criação de animais não teve lugar na prática docente, isto se confirma quando a pesquisadora perguntou para as crianças se a professora trabalhava com este assunto em sala de aula? De repente uma das crianças responde: “trabalha[[3]](#footnote-3). Manda agente fazer dever. Após dizer de imediato isto, ela pensa e acrescenta “mas não sobre isso...sobre outras coisas” (J.M, 5 anos).

Nos conteúdos que se voltam à alimentação não há nenhuma inferência sobre a alimentação, a partir do que a comunidade produz ou se aparece, não está claro. Entretanto, visualizou-se as crianças em suas produções livres, costumam desenhar bois, porcos, patos e galinhas para mostrar que eles fazem parte da vida cotidiana.

A relação de aproximação com os animais é tão constante e rotineira que um certo dia, observando a turma, um som alto e repetitivo soou, deixando-nos assustados, era uma vaca a mungir. Ao olhar para as crianças que estavam produzindo um desenho livre viu-se que era um som natural, uma vez que elas continuaram a atividade sem nenhum espanto ou surpresa, exceto por duas crianças que fizeram questão de dizer “uma vaca, a vaca de casa, ela tá convidando as vacas braba pra ficar perto dela”. A outra criança disse mum...mum...mum...mum (Diário de campo, 2016).

Diante disso, não tem como desconsiderar que o espaço se ocupa de congregar um conjunto de peculiaridades que determinam os modos de ser e viver nesse campo. Silva (2012) em sua dissertação “Crianças assentadas e educação infantil no/do campo: contextos e significaçoes”, se apropria de dois termos que são as interações e a ambiência. Justifica que as interações são importantes mediadoras na relação da criança com o seu ambiente ao passo que se constitui um importante elemento na aprendizagem.

Enquanto que a ambiência se volta para a interação entre as pessoas e delas com os modo de organização do tempo e espaço. Em relação ao tempo e ao espaço estes são compostos pelas paisagens, por sons, texturas, por elementos naturais e fabricados, por rupturas que se utiliza no decorrer da rotina. Nesta pespectiva é possivel mencionar que, a infância dos campos de Tracuateua onteragem com o ambiente, pois são as bases da vida dos moradores. Segundo Silva e Silva (2013, p. 171):

[...] a interação entre as crinças e os elementos da natureza apoiam-se no principio de que não há uma dicotomia entre mundo natural e o mundo humano cultural.os conceitos de natureza e cultura soa compreendidos como dialeticamente relacionados.

Essa relação é tão presente que podemos falar de uma cultura das águas e da terra partilhadas por crianças com seus pares e com os adultos em um lugar diverso, com sujeitos tambem distintos. Os rios e a terra influenciam os modos de vida das crianças, ao mesmo tempo, são lugares de reprodução de saberes e experiências, sendo incorporados desde cedo, no ato de brincar, de cantar e de representar.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Crianças vivem múltiplas experiência com o ambiente natural e social do campo. Os rios representam a abundância, a fartura, o lugar de práticas de cuidado com o corpo e com os objetos. Da mesma maneira, a terra significa o lugar onde se materializa a cultura da produção.

Dizer que há uma relação intima das crianças com os rios e a terra é confirmar uma rede de relações traçadas nesses espaços, haja vista que as crianças participam de práticas produtivas com os adultos, mas sobretudo, transforma o trabalho pesado da lavoura, da pesca em situações lúdicas e de aprendizado.

**REFERÊNCIAS**

BRASIL.. **Resolução CNE/ CEB 1/2002**. Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB021_2002.pdf>. Acesso em: 2 fev. 2016.

CASTRO, Edna. Tradição e Modernidade. A propósito de formas de trabalho na Amazônia. **Novos Cadernos NAEA**, Belém, v. 2, n. 1, dez. 1999. Disponível em: http://[www.naea.ufpa.br/naea/novosite/index.php?action=Publicacao...id](http://www.naea.ufpa.br/naea/novosite/index.php?action=Publicacao...id)... Acesso em: 21 jan. 2019.

CORRÊA, Sergio Roberto Moraes. Comunidades rurais-ribeirinhas: demarcando traços, tecendo identidades. *In*: OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de (org.). **Cartografias Ribeirinhas:** saberes e representações sobre práticas sociais cotidianas de alfabetizandos amazônidas. 2. ed. Belém: EDUEPA, 2008.

GOMES, Cássia Rafaele da Silva; PERES, Ariadne da Costa. Tecendo diálogos e construindo gestão participativa em uma comunidade agropesqueira da reserva extrativista marinha Tracuateua, Tracuateua-Pa. **Encontro da rede de estudos rurais**: desenvolvimento, ruralidades e ambientalização: paradigmas e atores em conflitos 2011. Disponível em: www.redesrurais.org.br. Acesso em: 3 jan. 2018.

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de; FRANÇA, Maria do perpetuo Socorro Gomes de Souza Avelino; SANTOS, Tânia Regina Lobato dos (orgs.). **Educação em classes multisseriadas:** Singularidade, diversidade e heterogeneidade. Vol. 1. EDUEPA, Belém, 2011.

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de; MOTTA- NETO, João Colares da. Saberes da terra, da mata e das águas, saberes culturais e educação. *In:* OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de (org.). **Cartografias Ribeirinhas:** saberes e representação sobre práticas sociais cotidianas de alfabetizandos amazonidas. 2. ed. Belém: EDUEPA, 2008.

SILVA, Juliana Bezzon da. **Crianças assentadas e educação infantil no/do campo**: contextos e significaçoes. 2012. Dissertação (Mestrado em Ciencias) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Universidade de São Paulo. São Paulo. 2012. Disponivel em: http://[www.teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59137/tde-13032013-090524/pt-br.php](http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59137/tde-13032013-090524/pt-br.php). Acesso em 30 out. 2018.

SILVA, Juliana Bezzon da; SILVA, Ana Paula Soares da. A criança e o ambiente natural: experiências da educação infantil em assentamento rural. *In:* SILVA, Isabel de Oliveira; SILVA, Ana Paula Soares da; MARTINS, Aracy Alves (orgs). **Infância do campo**. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2013.

SILVA, Ana Paula Soares da; PASUCH, Jaqueline. Orientações curriculares para a educação infantil do campo. In: **I Seminário Nacional**: Currículo em Movimento – Perspectivas.

1. Doutoranda em Educação, linha de pesquisa **Saberes Culturais e Educação na Amazônia** Universidade do Estado do Pará, Campus Belém. E-mail: nanda\_aviz@hotmail.com [↑](#footnote-ref-1)
2. Doutora em Educação, docente do curso de Pós- graduação- Mestrado e Doutorado em Educação da Universidade do Estado do Pará, Campus Belém. E-mail: tanialobato@superig.com.br [↑](#footnote-ref-2)
3. A criança se antecipou para dar a resposta, mas depois corrigiu sua afirmativa [↑](#footnote-ref-3)